

CAPÍTULO 1

QUE LIVRO É ESTE?

O presente texto não trata, como habitualmente se faz, do autismo como um transtorno do desenvolvimento; não busca discriminar o peso relativo das determinações psíquicas, biológicas e/ou de interação com o ambiente; sequer se dedica a qualificar prognósticos e diagnósticos (ora mais e ora menos inconclusivos); e, apesar de se voltar para modalidades de tratamento, não visa a avaliar a maior ou menor eficácia delas. Ou seja, não discutiremos aqui causas dos problemas ou efeitos dos tratamentos, em um confronto entre métodos, teorias e pesquisas de tal forma a delinear o que seriam os melhores resultados ou as melhores propostas de entrelaçamento de procedimentos. Trataremos, *sim*, das práticas de atendimento a crianças com autismo, tal como elas se configuram no discurso dos que fazem esse atendimento, considerando que tais práticas são formas particulares de organização dos discursos sobre autismo. Com isso, nossa atenção se voltará para o modo *como* se dá o atendimento, independentemente das especificidades de cada procedimento e das defesas (e respectivas certezas teóricas que as embasam) presentes nas falas de seus agentes.

É assim que esse texto, baseado na pesquisa de mestrado de Luisa Guirado, defendida em 2013 no Instituto de Psicologia da USP, apresenta-se como uma análise (de alguns) discursos sobre o autismo: aqueles que se destacam entre os mais recorrentes na atualidade e que, de alguma forma, figuram nas origens dos trabalhos sobre o tema. Como se verá a seguir, os tratamentos pela psicanálise e pela análise do comportamento

aplicada são os que ganham destaque por recorrência e extensão na área¹². Serão eles, portanto, o âmbito de nossa pesquisa.

Tomaremos, então, em entrevista, as falas de profissionais que atendem e que, por princípio e historicamente, pelas teorias e pelas técnicas que os instrumentam, têm se colocado em polos opostos, a rigor, não apenas no que diz respeito ao autismo, mas em diversos domínios de saber/fazer, alinhando-se conforme a divisão acima.

Com um roteiro de questões que, menos do que delimitar o elenco de respostas, abre a possibilidade de o entrevistado *contar* sobre seu trabalho, suas dificuldades e suas facilidades, sobre casos exemplares de atendimento frustrado ou bem-sucedido, sobre seu cotidiano profissional e sua clientela, foram entrevistados seis profissionais, três de cada uma dessas orientações.

A análise desse corpus permitirá configurar o lugar da criança e dos outros personagens nas cenas de cuidado e tratamento desta, bem como permitirá configurar o lugar da teoria ou dos pressupostos relativos ao autismo como doença (incluindo as perspectivas de progresso com o tratamento, o que o potencializaria como uma maquinaria tecnológica). A ideia é que essas concepções têm efeitos na direção do tratamento.

O que estamos querendo dizer com isso? Que há uma "fabricação" do autismo na própria relação que visa a o tratar? Nega-se a importância do que se tem estudado a respeito do assunto? Decididamente, não! O que se busca neste estudo é apontar para os efeitos dos discursos sobre o autismo, no momento mesmo em que a relação de tratamento se faz; apontar para a força dos reconhecimentos e dos desconhecimentos que selam essas práticas, muitas vezes

legitimando o (ou no) quadro e atribuindo de forma recorrente à criança o que se lhe atribui, antecipadamente, na compreensão teórica.

Afirmamos isso no ponto de partida porque, desde o momento da estruturação da pesquisa e do levantamento da questão-alvo do estudo, trabalhamos com a estratégia de pensamento, com o método, da Análise Institucional do Discurso (AID)³.

A Análise Institucional do Discurso nos faculta considerar a dimensão institucional das práticas de atendimento às crianças com autismo, ou melhor, considerá-las como relações sociais que se repetem e, nessa repetição, se legitimam, se naturalizam⁴. Os lugares institucionais de paciente e terapeuta são os equivalentes aos de clientela e agente. Como lugares de enunciação, vão mostrar, no discurso, como se distribuem forças e se produzem reconhecimentos da naturalidade de certos atributos da/na criança que, por sua vez, organizam a ação do terapeuta/agente sobre a ação da criança assim "pensada". Como esse "pensar" é, antecipadamente, constituído como o saber do agente sobre o autismo – o que, por seu turno, tende a ratificar o conhecimento já constituído em detrimento da disponibilidade para acompanhar a gama de variações que uma situação concreta, uma criança específica, pode ser/representar –, a análise do discurso, nas entrevistas, deverá apontar para as cenas, os lugares, os efeitos de reconhecimento e de desconhecimento, as verdades que se repetem e antecipam e aquelas que se articulam no contato face a face dos atendimentos, bem como aquelas dos discursos dos pais.

Com isso poderemos afirmar, pelo e para o discurso analítico, quem é essa criança com autismo que as práticas de tratamento, tanto em psicanálise quanto em análise do

comportamento aplicada, configuram.

É hora, então, de demonstrar como e por que esse método é uma possibilidade de trabalhar, de forma diferente da habitual, com as questões que o autismo apresenta. Então...

O que é a Análise Institucional do Discurso? Uma estratégia de pensamento, um método de pesquisa e de trabalho com a psicologia e a psicanálise que tem sido desenvolvido por Marlene Guirado, na fronteira com outras áreas/disciplinas do conhecimento, como a sociologia da Análise de Instituições Concretas, a linguística da Análise Pragmática do Discurso e as ideias de Michel Foucault⁵. Para tanto, parte de um campo mínimo de conceitos, tais como instituição, discurso, análise e sujeito.

Conforme apresentamos anteriormente, de J. A. Guilhaon Albuquerque, Guirado toma o conceito de instituição, em uma perspectiva sociológica específica: como práticas sociais que se repetem e que, nessa repetição, ganham o caráter de naturais; são reconhecidas como legítimas, desconhecendo-se sua condição de instituídas. A relação básica é aquela entre agentes e clientela e é ela que define o objeto institucional, ou seja, aquilo em nome de que a instituição se faz⁶.

A AID considerou os lugares exercidos em tais relações como lugares de enunciação no discurso, o que aponta para a necessidade de a análise dizer das cenas enunciativas e com isso resgatar a dimensão discursiva das práticas e, ao mesmo tempo, a concepção pragmática de discurso que dá destaque ao que o ato de dizer mostra, para além do dito, da posição de quem fala, de sua ação em cena⁷.

Segundo Guirado, estamos, assim, de acordo com o que apresenta Foucault em *Arqueologia do saber* (1997), acenando para o lugar de destaque que o discurso ocupa em suas

pesquisas e entre os linguistas, que, então, passariam a ter uma referência de peso para suas análises de discurso⁸. Discurso passa a ser conceituado como ato, instituição, dispositivo, como prática discursiva.

A análise, por coerência, não seria interpretativa; não teria apoio na semântica. Seria, sim, esse outro trabalho, pragmático, que aponta o que o discurso mostra, pela configuração das cenas enunciativas, das posições dos personagens/interlocutores nelas, de um sentido que se pode construir pela análise de todo o contexto (que envolve o analista) e não pelos sentidos das palavras⁹.

Desse modo, a pesquisa que ora apresentamos organizou-se como uma análise institucional dos discursos de profissionais que tratam crianças com autismo pela psicanálise e pela análise do comportamento aplicada. Tomando as duas abordagens como práticas discursivas, colocamo-nos no âmbito de um trabalho analítico, que considera a entrevista como ocasião de produção de falas que mostram as posições que aqueles que nos falam assumem e atribuem àqueles de que falam, ao autismo e a seu próprio tratamento. O pressuposto dessa estratégia de pensar os discursos é que a direção e a sustentação do olhar, tão discutida como uma das características atípicas da criança com autismo, a título de exemplo, ganhará sentidos e movimentos que supõem também a direção e a sustentação do olhar do adulto em relação a essa criança. Mas é apenas uma hipótese a se confirmar ou refutar por meio da análise dos discursos, considerando o contexto dos métodos e suas teorias. Uma análise institucional do discurso, portanto, como se disse anteriormente.

A escritura deste livro, no entanto, apresentará partes diferenciadas no que tange ao encaminhamento para a análise dos discursos. Será feita uma introdução que trará um breve

histórico do aparecimento do nome "autismo" e da sua caracterização como diagnóstico psiquiátrico nos *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM). Em seguida, será feita uma contextualização igualmente breve das propostas psicanalítica e comportamental como tratamentos do autismo. Essas apresentações não têm como finalidade a defesa de nenhuma dessas orientações; também não se colocam, nesse momento, como alvo de análise do discurso; somente as entrevistas é que serão trabalhadas pelo método de análise do discurso.

CAPÍTULO 2

SOBRE O AUTISMO, ESPECIFICAMENTE

Gostaria de ter atrás de mim [...] uma voz que dissesse: "É preciso continuar, eu não posso continuar, é preciso continuar, é preciso pronunciar palavras enquanto as há, é preciso dizê-las até que elas me encontrem, até que me digam - estranho castigo, estranha falta, é preciso continuar, talvez já tenha acontecido, talvez já me tenham dito, talvez me tenham levado alimiar de minha história, diante da porta que se abre sobre minha história, eu me surpreenderia se ela se abrisse"¹⁰.

Escrever sobre autismo, tudo indica, nunca foi uma tarefa fácil. Revisando a bibliografia sobre o tema, isso fica bastante nítido: são atribuídas diversas causas, há constantemente pesquisas novas a respeito de uma área ou um campo do conhecimento em que novos fatores relacionados são descobertos, são diversos os tratamentos, variam os resultados¹¹. Alguns se apresentam como cientificamente comprovados, outros nem tanto, e outros não chegam a ser mensuráveis. As equipes de atendimento, muitas vezes, são multidisciplinares, constituídas por psicólogos, nutricionistas, fonoaudiólogos, neurologistas, pediatras, pedagogos, terapeutas ocupacionais e profissionais do esporte.

Com isso, os discursos e as vozes sobre autismo são múltiplos, o que faz com que escrever sobre o tema requeira certos cuidados. Primeiro, porque há que se considerar o lugar dos demais discursos e o lugar que o discurso que será escrito ocupará; segundo, porque há que se relativizar o que será escrito ao método da pesquisa ou estudo-base das afirmações.

Como se disse anteriormente, o presente trabalho não